

## Introdução\*

A produção desta coletânea nasceu de dois moradores de Piracicaba, interior do estado de São Paulo, entre os anos de 2021 e 2024. Aquilo que uniu os organizadores sempre foi a falta de trabalhos acadêmicos, jornalísticos e históricos que tratassem das lutas contra-hegemônicas no interior, pois a maior parte das análises são concentradas nas grandes regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse sentido, o nosso estudo partiu de uma pergunta central: existiram esquerdas no interior?

Propositalmente, os organizadores optaram por flexionar a expressão sempre no plural: esquerdas. Isso porque, a acepção de esquerda por nós defendida é abrangente e engloba variadas tendências. Do mesmo modo, os autores dos textos publicados não possuem a pretensão de contar a história das esquerdas nas pequenas e médias cidades paulistas ou uma história total das esquerdas, considerando apenas uma perspectiva regional. Entendemos que há sempre inúmeras possibilidades de análise do passado e, por essa razão, o artigo indefinido “uma” foi utilizado no título. Entretanto, uma questão preliminar precisa ser elucidada. Como conceituar a esquerda ou, como preferimos, no plural, as esquerdas? Essa é uma tarefa árdua, mas necessária para iniciarmos a leitura dos diferentes trabalhos reunidos neste livro.

É conhecido o fato – presente inclusive em livros didáticos – de que os vocabulários “esquerda” e “direita” vêm do ambiente radical da Revolução Francesa. Entre 1789 e 1791, a Assembleia Constituinte da França se dividiu com relação à questão do veto real e dos poderes reservados ao rei. Os radicais se colocaram fisicamente à esquerda da câmara,

---

\* DOI - 10.29388/978-65-6070-080-2-0-f.06-15

quando vistos a partir da cadeira do presidente, enfrentando os conservadores, que se colocaram à direita. A esquerda, a partir desse momento, passou a ser identificada pela defesa da abolição do veto real, pelo posicionamento em prol de um Legislativo em câmara única, um Judiciário eleito e não nomeado, a supremacia do Legislativo, ao invés da independência dos poderes e um executivo forte e, principalmente, o direito de um voto para cada homem. Durante a ditadura jacobina, acrescentaram-se outros pontos, entre eles, o anticlericalismo. Da mesma maneira que esse pacote sobreviveu à Revolução Francesa e dominou grande parte das lutas políticas do século XIX, a disposição dos assentos prevaleceu. Em diferentes partes do mundo, generalizou-se o uso dos termos “esquerda” e “direita”.

Apesar da explicação didática, a díade esquerda-direita é de difícil definição, pois, além de ambíguas, estão sempre sofrendo mutações. Elas são essencialmente variáveis e, de acordo com as circunstâncias, adquirem diferentes significados, transformando-se de acordo com o lugar de quem a define e quando o faz. Assim, um homem/mulher do século XX pode ser desqualificado(a) por pertencer ao antigo Partido Comunista do Brasil ou ser celebrado(a) pelo mesmo fato. Não raramente – e como veremos nos textos apresentados nesta obra –, homens e mulheres foram presos e perseguidos pelo seu pertencimento a um partido de esquerda, enquanto, em outros momentos – menos frequentes, é verdade, dada a predominância dos grupos conservadores nas escalas de poder no transcorrer da história brasileira – foram reverenciados. Nesse sentido, a busca por uma definição é uma tarefa hercúlea e até mesmo vã. Todavia, os organizadores desta obra concordam com uma aceção justa e que se encaixa aos propósitos desta publicação. Essa foi feita por Norberto Bob-

bio. Para esse pensador, “De esquerda seriam as forças e as lideranças políticas animadas e inspiradas pela perspectiva da igualdade”<sup>1</sup>.

A despeito de compreender as esquerdas sob esse ângulo – como forças e lideranças políticas animadas e inspiradas pela perspectiva da igualdade –, os partícipes desta coletânea não buscaram publicar uma versão romântica das esquerdas no interior de São Paulo. A história das esquerdas em todo o mundo contém episódios de violência e em muitos momentos foi manchada por decisões errôneas.

Apesar de reconhecer as derrotas e as limitações das esquerdas ao longo dos séculos, entendemos que os sujeitos envolvidos com as esquerdas também contribuíram para ganhos concretos, conquistas que nos levaram para uma sociedade menos injusta. No Brasil, eventos que vão desde a abolição da escravatura até a elaboração da CLT foram bandeiras de luta e frutos da ação de personagens das esquerdas. Nesse sentido, esta obra não é um exercício de nostalgia, mas foi publicada com a convicção de que estudar História é importante, particularmente após um governo negacionista e de feições neofascistas como aquele que presidiu o Brasil entre 2019 e 2022.

A história das esquerdas sempre foi a história das lutas pela igualdade e por mudanças e contra governos ou sistemas que liquidam completamente a potencialidade humana. Durante os últimos anos, algumas amnésias apagaram parte essencial do passado brasileiro e, sobre essas circunstâncias, os historiadores devem invocar o aspecto crucial da sua disciplina: continuidades e rupturas. É verdade que a paisagem política do nosso tempo é bastante distinta daquela do século

---

<sup>1</sup> BOBBIO, Noberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

XX. O ano de 1989 foi marcado pela desintegração da União Soviética e, por uma drástica reestruturação capitalista, o mundo se transformou. No Brasil, a década de 1980 assistiu a formação do Partido dos Trabalhadores (PT), que passou por inúmeras metamorfoses da sua fundação, ocorrida no Colégio Sion, em 1980, até a conquista, com Lula, da presidência da República, em 2003. O partido passou da concentração nos movimentos sociais para uma dinâmica absorvente dos calendários políticos eleitorais e de um partido de lideranças sociais para um partido da “grande política”.

O PT surgiu em um contexto histórico muito diverso daquele do Partido Comunista. Esse último, fundado em 1922, percorreu grande parte do século XX como o principal partido de esquerda do Brasil. A linguagem do PCB, centrada na luta contra o imperialismo inglês e norte-americano, na classe – cuja imagem central remetia ao operário do sexo masculino e da indústria – e na revolução comunista, foi dividindo espaço, em meados do século XX e particularmente após 1989, com outras perspectivas. Novas forças energizaram as esquerdas em diferentes países do mundo, incluindo o Brasil. Algumas delas estão presente no século XXI. O feminismo foi, sem dúvidas, o mais importante desses movimentos emergentes, mas também surgiu a ecologia radical, unindo formas inesperadas de ativismo popular, além, é claro, de importantes questões referentes à raça e à etnicidade, que foram, pouco a pouco, conquistando espaço cada vez maior nos embates políticos.

Assim – ao considerarmos as diversas rupturas e continuidades da História –, é possível dizer que a desintegração do socialismo soviético, no contexto do mundo após a Guerra Fria, pareceu para alguns intérpretes apressados o fim das esquerdas. No Brasil, e em muitos outros países, as lutas, os su-

jeitos e os partidos de esquerda têm resistido e, embora constantemente atacadas, trazem bandeiras de batalhas ainda não vencidas. As esquerdas vivem! Nessa coletânea, são compreendidas no sentido amplo, como partidos, movimentos, organizações, coletivos e frentes políticas. A partir de uma perspectiva plural e que engloba diferentes orientações, também foram considerados os movimentos sociais, políticos e sindicais, assim como foram incorporados nos capítulos aqui apresentados aspectos das trajetórias de militantes e/ou lideranças.

O impacto decisivo da trajetória, do pensamento e da ação das esquerdas na história das instituições, da sociedade e das ideias não passou despercebido no meio intelectual. Desde a década de 1970 até os dias de hoje, as esquerdas constituíram objeto de estudo para inúmeros pesquisadores brasileiros de diversas áreas das ciências humanas: historiadores, antropólogos, sociólogos e cientistas políticos têm oferecido, cada um no seu campo, com as suas próprias metodologias, importantes contribuições para a compreensão desse passado. Nos anos de 1980, a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) formou um Grupo de Trabalho sobre os Partidos e Movimentos Sociais de Esquerda, que se tornou um espaço de aglutinação, debate e divulgação de pesquisas sobre o tema. Alguns anos mais tarde, na década de 1990, na Associação Nacional de História (ANPUH), o grupo continuou desenvolvendo os seus estudos. Além dele, há na ANPUH o GT Mundos do Trabalho, no qual sempre houve um espaço muito grande para a história das esquerdas e dos movimentos sociais. Na área da Educação, há um destaque para o grupo de estudos e Pesquisas: “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR). Afora essas iniciativas, em vários Programas de Pós-Graduação e Cursos de Gradu-

ação nas diversas disciplinas que constituem as Ciências Humanas, teses, dissertações e monografias se concentraram no passado das esquerdas.

Entretanto, poucos estudiosos se debruçaram sobre as esquerdas nas pequenas e médias cidades do interior, preferindo a observação e a análise dos grandes centros urbanos, como a capital São Paulo. Esta coletânea buscou, de algum modo, contribuir para a mudança desse quadro de pesquisas. Os capítulos reunidos nessa coletânea não abrangem todas as cidades do interior paulista, mas trazem ao público parte importante do passado de homens e mulheres das esquerdas em algumas regiões ainda pouco analisadas pelas pesquisas acadêmicas.

Seguindo a ordem alfabética dos autores, o primeiro capítulo, de autoria de Carlos Carvalho Cavalheiro, intitula-se: “Movimento estudantil sorocabano: além da Noite do Beijo”. Nele, o autor recupera uma ação do movimento estudantil sorocabano em 1968 como resposta à prisão de estudantes durante o Congresso da UNE, em Ibiúna (SP), ocorrido alguns dias antes. De acordo com o autor, essa memória é importante, por transcender a percepção equivocada de que durante a vigência do Regime Militar (1964 – 1985), a única mobilização de estudantes da cidade de Sorocaba (SP) teria sido o evento que ficou conhecido como “Noite do Beijo”, um protesto contra a emissão de portaria de juiz de direito proibindo beijos em locais públicos. A ação dos estudantes secundaristas e universitários de Sorocaba, dentro do contexto de manifestações do ano de 1968, demonstrou que o enfrentamento à repressão ditatorial ocorreu ao longo de todo o período militar.

O segundo capítulo – “A forja do aço vermelho: o comunismo e os trabalhadores metalúrgicos em Piracicaba

após a Segunda Guerra Mundial” –, da historiadora Fabiana Junqueira, analisou a participação dos militantes comunistas na construção do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Mecânicas, Metalúrgicas e de Material Elétrico de Piracicaba. Ao se concentrar em uma cidade com longa tradição canavieira, a pesquisadora retratou as intrincadas relações entre os metalúrgicos simpatizantes ou filiados ao Partido Comunista e as questões referentes a terra entre 1945 e os anos de 1950. Ademais, o indício da importante participação dos comunistas na formação do movimento operário piracicabano foi uma das questões centrais da autora, que demonstrou, a partir da análise de fontes locais e do estado, que a militância de esquerda atuou de forma enérgica em Piracicaba.

O terceiro capítulo conta com um número maior de páginas, quando comparado aos demais textos da coletânea, pois é o resultado do trabalho de dois autores, José Claudinei Lombardi e João Geraldo Lopes Gonçalves. Neste estudo, intitulado “Contribuição à memória da esquerda no interior conservador do estado de São Paulo: Limeira”, os escritores dissertam sobre as suas memórias durante o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil. As trajetórias dos dois autores – um professor universitário e o outro sindicalista – se cruzaram na fundação e organização do diretório do Partido dos Trabalhadores em Limeira e revelam tramas pouco conhecidas pela população das pequenas e médias cidades do interior.

O quarto capítulo – “O governo democrático-popular petista em Piracicaba” –, escrito pelo economista e político José Machado buscou explicar, segundo a ótica do próprio escritor, como foi possível uma candidatura do Partido dos Trabalhadores ter saído vitoriosa nas eleições de 1988 no mu-

nicípio de Piracicaba, considerando a compreensão corrente de que se trata de um partido de esquerda, declaradamente socialista, como está expresso no seu manifesto de fundação e o fato de Piracicaba ser reconhecidamente uma cidade representativa do conservadorismo que impera hegemonicamente nas cidades interioranas do estado de São Paulo. Machado apresentou importantes considerações sobre a governabilidade daquela época, explicando como foi possível governar, de um lado, com poucos recursos orçamentários e financeiros, num quadro de crise econômica nacional, com recessão e inflação galopante e, de outro, enfrentando uma correlação de forças amplamente desfavorável na Câmara Municipal. Por fim, o autor tratou dos projetos concretizados ou deflagrados ao longo dos quatro anos de governo que se constituíram em “marcas de governo” e que podem ainda hoje ser considerados como detentores de viés moderno e progressista.

Marcos Paulo da Silva, no texto intitulado “Tão perto, tão longe: militantes locais e anticomunismo nas páginas de O Eco na Segunda Guerra Mundial”, tratou de forma contextual das representações em torno do tema comunismo, construídas nas páginas do semanário O Eco, periódico fundado em 1938, em Lençóis Paulista, com ligação com a colônia italiana da região e o silenciamento do veículo em relação à repressão aos militantes comunistas locais. No complexo de variáveis culturais e políticas que constituem o contexto desta pequena localidade no interior paulista na década de 1940, o capítulo pretendeu elucidar as contradições inscritas nas entrelinhas do então único jornal local lençoense sobre o tema comunismo, identificando os personagens locais que eram exaltados nas páginas do periódico e aqueles que foram silenciados, em decorrência da sua militância.

O sexto capítulo, de autoria do historiador Rodrigo Sarruge Molina – “Movimento estudantil no interior paulista na resistência à ditadura: os acadêmicos de Piracicaba/SP (1964 a 1982)” –, analisou pela ciência da História e o método materialista histórico e dialético a resistência de parte do Movimento Estudantil na cidade de Piracicaba/SP desde o golpe de 1964 até o fim da Ditadura Civil-Militar, em 1985. Embora a literatura e a historiografia concentrem o seu foco nas grandes capitais, este estudo buscou demonstrar que as lutas travadas no interior paulista também foram importantes para fomentar a resistência e a redemocratização do país, como foi o caso do interior paulista e a cidade de Piracicaba, que sediaram dois grandes congressos da UNE na década de 1980 em articulação com a Prefeitura e a Unimep. As principais fontes primárias foram perquiridas no Arquivo do Estado de São Paulo e no acervo da Universidade de São Paulo.

Por fim, o último capítulo, “O levante comunista de 1949 em Fernandópolis, Noroeste paulista: memória, luta pela terra”, de Vagner José Moreira teve como objetivo, evidenciar o processo histórico e social de construção de memórias sobre o movimento social dos trabalhadores em junho de 1949 em Fernandópolis, comumente conhecido como levante comunista ou movimento de revolução agrária. Utilizando-se de processos criminais, inquéritos policiais, prontuários do DOPS, imprensa e a fonte oral, o autor desvenda o processo histórico e social de construção das memórias sobre o movimento social dos trabalhadores de junho de 1949, as experiências de luta pela terra e a militância política em Fernandópolis. Tais incursões levaram o autor a identificar a memória como um dos lugares da disputa pela hegemonia na cidade e o movimento dos trabalhadores de junho de 1949 como a expressão de memórias divididas e culturas de classe.

Esperamos que essa obra faça sentido para a reorganização das esquerdas diante do renascimento de movimentos fascistas e nazistas em comunhão com o ultraliberalismo e o neoconservadorismo. Nesta segunda década do século XXI, o desafio de luta e resistência para as correntes de esquerda é gigantesca e esperamos que essa coletânea colabore com algumas reflexões.

*Fabiana R de A Junqueira*  
Doutora em História Social do Trabalho pela  
Universidade Estadual de Campinas

*Rodrigo Sarruge Molina*  
Doutor em Educação pela  
Universidade Estadual de Campinas  
Docente Adjunto da  
Universidade Federal do Espírito Santo

## **Referências**

BOBBIO, Noberto. **Direita e esquerda: razões e significados** de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

FERREIRA, Jorge; REIS Daniel Arão. **As Esquerdas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ELEY, Geoff. **Forjando a Democracia** - A história das esquerdas na Europa, 1850-2000. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.